

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS VII
COLEGIADO DE PEDAGOGIA – COLPED

ELIENE GONÇALVES DIAS

**HISTÓRIA DE MULHERES NEGRAS: A RESISTÊNCIA, A
CULTURA E A SUA IMPORTÂNCIA NA CONSTRUÇÃO DA
COMUNIDADE DE TIJUAÇU**

Monografia apresentada ao Departamento de Educação / Campus VII – Senhor do Bonfim, da Universidade do Estado da Bahia, como parte dos requisitos para obtenção de graduação no Curso de Pedagogia com Habilitação em Docência e Gestão de Processos Educativos.

Linha de Pesquisa: Memória, Cultura e História da Educação.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Maria Glória da Paz

Senhor do Bonfim – BA

2011

ELIENE GONÇALVES DIAS

**HISTÓRIA DE MULHERES NEGRAS: A RESISTÊNCIA, A
CULTURA E A SUA IMPORTÂNCIA NA CONSTRUÇÃO DA
COMUNIDADE DE TIJUAÇU**

Aprovada em 17 de março de 2011.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Maria Glória da Paz Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Orientadora

Prof^a Dr^o Gilberto Lima dos Santos Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Examinador

Prof^a Beatriz de Souza Barros Universidade do estado da Bahia – UNEB
Examinadora

DEDICATÓRIA

À minha Mãe Maria das Neves, pela guerreira que é, por tudo que significa para mim e pelo que sou, as minhas irmãs Eliana e Maria Lúcia, os meus irmãos, Edvaldo, Marcelo e Ademir, as minhas sobrinhas Diana, Eriely e Yasmim, meus sobrinhos Eribelto e em especial Jonathas Felipe pela sua luta em viver, seu exemplo de resistência, força e fé, mesmo sendo uma criança. Também a toda a minha família materna.

Às mulheres Negras guerreiras de Tijuáçu, de forma particular Orelita Damasceno de Santana, Nubiana Rodrigues Ventura, Valdeci da Silva, Maria Rodrigues da Silva, Marinalva dos Santos da Silva, Ilca dos Santos e Dalva Barbosa de Souza, que elevam o nome daquela comunidade com suas diversas atividades e que de forma carinhosa e gentil contribuíram com este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus Senhor de tudo, que com seu amor e misericórdia me concedeu o dom da vida e que em todos os momentos da minha existência, me segura pela mão e demonstra de várias maneiras que me ama e está comigo.

Minha eterna gratidão a minha mãe Maria das Neves, pelo amor, educação e por ter sido minha mãe e meu pai, por tudo que fez e faz por mim e meus irmãos. Obrigada a minhas irmãs e meus irmãos, minhas sobrinhas e sobrinhos pela força e apoio.

A todos os meus colegas e amigos, meu muito obrigada, pelas palavras, apoio, paciência, amizade e companheirismo.

Meus sinceros agradecimentos às minhas companheiras (os) de turma da faculdade, em especial a Valdemilson e Ariana, pelo companheirismo, amizade, alegrias, conquistas e por tudo que vivenciamos dentro e fora do espaço acadêmico.

Agradeço também a todos os professores que de forma significativa contribuíram para minha formação.

Agradeço de forma especial à professora Doutora Maria Glória da Paz, que mesmo não tendo sido minha professora no período de formação acadêmica, gentilmente aceitou meu pedido em ser minha orientadora.

Agradeço de coração a Orelita Damasceno de Santana, Nubiana Rodrigues Ventura, Valdelice da Silva, Maria Rodrigues da Silva, Marinalva dos Santos da Silva, Ilca dos Santos e Dalva Barbosa de Souza, que contribuíram para realização deste trabalho.

E, por fim, agradeço à UNEB, em especial o Campus VII.

Mulher Negra
Quando Deus fez você
caprichou em tua cor
das estrelas te deu o brilho
da luz da lua, fez o teu sorriso
e te temperou com muito amor

O seu gingado veio das ondas
sua força vem direto da terra
se és divina quando ama
és valente quando em guerra

Quando Deus fez você
não poupou em inteligência
te fez meiga, te fez forte
te deu muita resistência
mas também te fez vaidosa
Negra linda e orgulhosa

Quando Deus fez você
te deu um grande coração
te fez negra mulher
 pilar principal da família
e até de uma nação
te encheu de muito axé
recipiente de muita fé

Quando Deus fez você
te fez mãe, amante e amiga
te deu toques de magia
o dom de sempre lutar
te deu sonhos pra sonhar
e deu de presente para nos
homens
uma maravilhosa mulher para
amar ...

Gilson Costa

RESUMO

O Trabalho de Conclusão de Curso, História de Mulheres Negras: a resistência, a cultura e a sua importância na construção da comunidade de Tijuáçu, teve como objetivo refletir sobre a mulher e sua contribuição, enquanto mulher trabalhadora e elemento transmissor da cultura popular da comunidade. A metodologia utilizada neste trabalho foi a história oral, utilizando a entrevista direcionada por um roteiro previamente estruturado, para coleta de relatos, que foram gravados e posteriormente transcritos. As fontes utilizadas neste estudo foram sete mulheres negras de diferentes faixas etárias, que desenvolvem atividades como vendedora de acarajé, vendedora de milho, dançarina do Samba de Lata e dona de casa, residindo seis na comunidade de Tijuáçu e uma na comunidade de Quebra Facão. As fontes escritas que ajudaram na construção deste trabalho foram: André (2008), Aróstegui (2006), Gomes (1996), Machado (2004), Moura (1989), Munanga e Gomes (2006), Nascimento e Oliveira (2004), Nova (1985), Oliveira (2006), Oliveira (2004), dentre outros autores que fundamentaram nosso trabalho. Concluímos que, os resultados alcançados revelam o quanto as mulheres lutaram e lutam, participando ativamente na construção e desenvolvimento de Tijuáçu, mantendo viva as tradições, levando a história e o nome da comunidade para diversas cidades, através da manifestação cultural do Samba de lata.

Palavras – chave: História de mulheres, cultura de resistência e Tijuáçu

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto	Histórico	Página
01	Orelita Damasceno de Santana (1973)	(25)
02	Nubiana Rodrigues Ventura (1980)	(26)
03	Valdelice da Silva (1957)	(26)
04	Maria Rodrigues da Silva (1927)	(27)
05	Marinalva dos Santos Silva (1957)	(27)
06	Ilca dos Santos (1961)	(28)
07	Dalva Barbosa de Souza (1967)	(28)
08	Praça principal de Tijuáçu (2011)	(33)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I – Histórias de mulheres negras	11
1.1 Uma breve história de mulheres negras no Brasil.....	11
1.2 Resistência cultural e as mulheres remanescentes quilombolas entre o samba e o trabalho.....	15
1.3 Cultura e mulheres negras.....	18
CAPITULO II – Procedimentos metodológicos	22
2.1 A Pesquisa: História Oral.....	22
2.2 Fontes	22
2.3 Fontes escritas.....	22
2.4 Fontes orais.....	24
2.5 Caracterizações das fontes.....	24
2.6 Instrumentos de coleta de dados.....	29
2.6.1 Entrevistas.....	29
2.6.2 Guia das Entrevistas.....	29
2.6.3 2ª Bloco – Questões das Entrevistas.....	30
2.6.4 A transcrição.....	31
2.6.5 A carta cessão.....	32
2.7. Local da pesquisa.....	33
CAPITULO III	35

3.1 A Família e a infância: as lembranças do primeiro núcleo social da menina.....	35
3.2 Tijuáçu e a participação das mulheres no seu mito de origem.....	39
3.3 Tijuáçu antes de ser comunidade quilombola.....	40
3.4 Mariinha Rodrigues: o seu significado para Tijuáçu.....	42
3.5 A mulher na cultura e construção de Tijuáçu: preconceito e trabalho.....	43
3.6 O trabalho da mulher: as dificuldades como vendedoras de acarajé e milho assado.....	45
3.7 A mulher no Samba de Lata: as dificuldades em ser dançarinas.....	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS.....	53
FONTES ELETRÔNICAS.....	55
FONTES ORAIS.....	56

INTRODUÇÃO

Neste trabalho monográfico pretendemos estudar **História de mulheres negras: a resistência, a cultura e sua importância na construção da comunidade de Tijuçu**; fazendo relação com as mulheres negras do Brasil, em virtude de, por um bom tempo, estas mulheres viverem periféricamente, em espaços públicos: feiras, praças e palcos com pouco ou nenhum destaque e em espaços privados como empregadas domésticas, donas de casa, amas de leite ou mucamas.

Para as mulheres negras de Tijuçu, a situação vem se modificando, devido à sua forte participação na comunidade, seja nas manifestações culturais afro-brasileira daquele distrito, ou ainda como participantes ativas na produção econômica, elevando assim a autoestima, uma vez que durante décadas sofreram discriminação por parte de muitos bonfinenses.

Pretendemos realizar estes estudos utilizando fontes regionais escritas, diversos livros que falam sobre a história de Tijuçu e outros documentos e fontes orais, consultando as dançarinas do Samba de Lata, as mulheres que comercializam acarajé e milho nas praças de Senhor do Bonfim além das moradoras mais antigas.

O estudo foi realizado a partir do seguinte questionamento: como é construída a cultura histórica e resistência de mulheres negras residentes em Tijuçu Uma comunidade remanescente de quilombo, localizada às margens da Rodovia Lomanto Júnior, BR 407, distrito do Município de Senhor do Bonfim, no Território do Piemonte Norte do Itapicuru, Estado da Bahia?

CAPÍTULO I – História de mulheres negras.

1.1 Uma breve história de mulheres negras no Brasil.

A sociedade brasileira ainda é marcada pela desigualdade de etnia, onde a mulher negra ainda sofre preconceito e violência, mesmo sendo fundamental e necessária na construção, no crescimento, no desenvolvimento social, cultural, político e econômico do país.

Os preconceitos, a discriminação e a violência contra a mulher negra no Brasil não vem de hoje, mas desde a chegada das primeiras negras escravas trazidas da África por volta de 1530, quando desembarcaram em terras brasileiras, forçadas, sendo arrancadas de sua cultura, família, língua, tradições e crenças, para uma terra distante para serem exploradas sexualmente e serviçais nos trabalhos domésticos das casas grandes, onde exerceram vários papéis: mucamas, amas de leite, cozinheiras e bás para os filhos dos senhores, além de trabalharem nas lavouras de café e de cana-de-açúcar. Como afirmam Munanga e Gomes (2006) “[...] serviram como força de trabalho, fornecendo a mão-de-obra necessária às lavouras de cana-de-açúcar, algodão, café e à mineração (p.20).

Ainda sobre os trabalhos realizados pelas mulheres negras durante a escravidão, no processo de colonização do Brasil, Mott (1991) ressalta:

Na faina agrícola, labutavam com a foice e a enxada, desde pequenas, semeavam, catavam ervas daninhas, enfeixavam as canas. Nos engenhos, eram encarregadas de moer as canas e cozer o melado, agrupadas em torno de infernais panelões de cobre. Manufaturavam o açúcar, descaroçavam algodão e descascavam mandioca, base de sua alimentação. Ocupavam-se das tarefas domésticas na casa-grande, onde cozinham, lavavam, coziavam e arrumavam, assim como na senzala, onde se responsabilizavam pela manutenção de maridos, companheiros e filhos. Também na senzala algumas delas, graças aos inúmeros conhecimentos transmitidos oralmente – o chamado “saber fazer” – tornavam-se parteiras, benzedoras e temidas feiticeiras. (p.38).

As mulheres negras influíram e influem como elementos enriquecedores na cultura brasileira, embora a miscigenação cultural seja quase imperceptível, mas nossa fé, culinária, danças, músicas e várias expressões artísticas, têm raízes na cultura africana trazida na época da escravidão.

No Brasil de hoje, a cultura da África está presente em seus milhões de filhos brasileiros. Em nosso povo mestiço, no sincretismo religioso, no trabalho, na luta pela liberdade, na música e em outros tantos aspectos e manifestações a língua se faz presente representando a sua cultura (CRUZ e MOTA, 2004 p.28).

A presença da mulher negra na região de Senhor do Bonfim ficou à sombra, passando muita das vezes despercebida, tanto que em meio a muitas pesquisas, os estudos relacionados à mulher na sociedade bonfinense são ainda pouco explorados, e quase nada se pesquisa sobre as mulheres negras de Tijuáçu, sua presença, história, trajetória e participação no cenário e na construção da sociedade bonfinense.

Algumas mulheres negras se tornaram conhecidas, por realizarem algum ato em prol dos seus irmãos africanos, a exemplo de Mariinha Rodrigues, fundadora de Tijuáçu. Infelizmente muitas tiveram as suas ações distorcidas, e essas mulheres que foram guerreiras, passaram a ser tratadas como insignificantes e perturbadoras da ordem.

Hoje passados mais de 510 anos do negro em terras brasileiras, observamos que eles se encontram ainda à margem da sociedade, sofrendo preconceitos, vivendo em amontoados nas favelas e com pouco ou quase nenhum acesso aos bens e serviços: saúde e educação de qualidade, moradia e trabalho dignos.

O negro na atual sociedade brasileira se encontra nas diversas configurações grupais: nos antigos Quilombos, Mocambos, Terra de Preto que hoje são nomeadas Comunidades Negras Rurais. Assim são conhecidos os grupos/territórios ocupados por pessoas de origem negra, que viviam e ainda vivem em agrupamentos afastados do meio urbano. As comunidades de ex-escravos e de descendentes de quilombos estão espalhadas por inúmeros Estados da nação. (ANDRÉ, 2008, p.15).

A situação, hoje, em que se encontra a mulher negra, como o negro em geral, podemos dizer que é um rastro do que vivenciaram na época da escravidão, acontecendo até os dias atuais poucas mudanças, pois continuam em péssimas condições de vida, com poucas oportunidades no mercado de trabalho, com baixa escolaridade entre a população tendo o maior índice de analfabetismo. Com afirmam Pires, Maciel e Magalhães (2004):

A mulher negra está exposta à miséria, à pobreza, à violência, ao analfabetismo, à precariedade de atendimento nos serviços assistenciais, educacionais e de saúde. Trata-se de uma maioria sem acesso aos bens e serviços existentes em nossa sociedade e, em muitos casos, exposta à violência. Entre as conseqüências extremas desta situação está o seu aniquilamento físico, político e social que chegam a atingir profundamente as novas gerações. A situação de máxima exclusão pode ser percebida quando analisamos a inserção da população feminina negra em diferentes campos: social, político e econômico. O trabalho doméstico ainda é, de desde a escravidão negra no Brasil, o lugar que a sociedade racista destinou como ocupação prioritária das mulheres negras. Em muitos lugares, as formas de recrutamento são predominantes neo-escravistas, em que as meninas são trazidas do meio rural, sob encomendas, e submetidas às condições subumanas no espaço doméstico. (p.26).

Atualmente as mulheres negras que se encontram no mercado de trabalho realizando as mesmas atividades dos homens, recebem remuneração inferior a eles, apesar de muitas vezes seu rendimento ser superior, não conseguindo romper essas injustiças, mesmo com a luta de muitos movimentos negros para mudar a situação de desvalorização do negro no país. [...] “Passa a viver de pequenos trabalhos e venda do próprio corpo. Desde então, os povos negros vêm sofrendo as conseqüências do preconceito racial no mercado de trabalho” (LIMA e VITAL, 2004, p.30).

A condição a que é submetida à mulher negra no Brasil, vivendo em sua maioria na marginalidade e na pobreza, desfavorece ascensão, a conquista de melhores condições de vida, vindo reforçar o preconceito e a inferioridade que a sociedade capitalista e do branqueamento ainda quer impor aos negros, não reconhecendo sua capacidade, determinação e valores.

Como explica Oliveira (2006):

A figuração que singulariza a mulher negra brasileira passa quase sempre despercebida na sociedade e é representada, na maioria das vezes, por estereótipos, conceitos como os de escrava, doméstica, lavadeira e outros, que legitimam o conceito de inferioridade e desqualificam a mulher negra (2006, p. 37).

Mesmo diante dessa realidade injusta para com os negros, algumas mulheres negras conseguiram destaque no mercado de trabalho como também na política, na arte, nos meios intelectuais e empresariais, graças a uma formação acadêmica cujo ingresso é muito mais difícil do que para uma mulher de cor branca.

Apesar de toda a situação, algumas conquistas foram realizadas no país, essas alcançadas pela luta dos próprios negros, ainda que pequena diante do sofrimento que passou e passa o povo negro no país, isso porque eles se uniram em movimentos e associações em busca de dignidade, valorização e melhores condições de sobrevivência, participando na política, nas empresas e no meio artístico e educacional, como nos relatam Nascimento e Oliveira (2004):

[...] os negros não estão parados; com seus movimentos políticos culturais tomaram de assalto um bom pedaço da agenda dos pesquisadores, totalizando quase 20% dos estudos catalogados. De fato, a mobilização negra é intensa em diversos setores da vida pública, denotando uma vigorosa manifestação de afirmação da raça: grupos musicais enfatizam a cor de seus membros; candidatos com plataforma racial enfatizam sua origem racial. (p.25).

A sociedade brasileira ainda não valoriza o negro (a) que tanto enriqueceu nosso país com sua força braçal e suas múltiplas manifestações culturais, deixando de reconhecer sua participação ativa na construção da sociedade, da qual ele faz parte, que o vê como insignificante sofrendo diversos tipos de preconceitos. Neste sentido Gomes (1996) salienta que:

(...) não podemos desconsiderar que a questão racial assume um lugar de destaque na formação da sociedade. A sociedade brasileira teve suas bases econômicas, sociais e culturais construídas sobre o trabalho escravo e a negação da cultura negra foi um dos principais enfoques no processo de construção da propagada identidade nacional (p. 89).

Dessa forma, é bem mais evidente que o negro não está no Brasil como coadjuvante, mas como construtor de uma nação, merecendo ser respeitado e valorizado, tendo sua cultura reconhecida no cenário nacional. Como bem proclamam Munanga e Gomes (2006), “O povo brasileiro tem muito que se orgulhar dos muitos homens e mulheres negras anônimas que ajudaram a construir esta nação com sua capacidade de organização e de luta” (p.115).

1.2 Resistência cultural e as mulheres remanescentes quilombolas entre o samba e o trabalho.

A trajetória de luta e resistência negra no Brasil surgiu desde a época do Brasil colônia, desmitificando assim relatos em alguns livros que trazem os negros escravos como preguiçosos e acomodados, situação essa contrária pois os mesmos nunca aceitaram com passividade, sendo muitas as formas de resistência e luta tanto individual como coletiva, contra a escravidão a que eram submetidos na época da colonização do país. Munanga e Gomes (2006) declaram:

A esse processo de luta e organização negra existente desde a época da escravidão, podemos chamar de resistência negra. Várias foram as formas de resistência negra durante o regime escravocrata. Insubmissão às regras de trabalho nas roças ou plantações onde trabalhavam – os movimentos espontâneos de ocupação de terras disponíveis, revoltas, fugas, abandono das fazendas pelos escravos, assassinatos de senhores e de suas famílias, abortos, quilombos, organizações religiosas, entre outras, foram algumas estratégias utilizadas pelos negros na sua luta contra a escravidão. (p.69)

Essas organizações mostram que mesmo diante de toda humilhação e sofrimento que os homens, mulheres, crianças, jovens e idosos negros passaram a dignidade deles não foi arrancada, uma vez que não nasceram para serem escravos, mas que infelizmente, foram obrigados ao regime da escravidão.

Munanga e Gomes (2006) ressaltam que:

As reações coletivas são as que mais se destacaram na repulsa à escravidão no Brasil. Durante toda a existência do regime escravista, os escravizados lutaram, organizando-se de diferentes modos, como os quilombos, as insurreições, as guerrilhas, as insurreições urbanas, entre outros. Podemos dizer que a escravidão sempre foi acompanhada de um forte movimento de resistência e várias revoltas tiveram a presença negra

como personagem central, na luta pelo fim deste regime desumano e cruel. Exemplos dessas ações e reações foram a revolta dos Alfaiates (Bahia, 1798), a Cabanagem (Pará, 1835 -1841), a Sabinada (Bahia, 1937-1838) e a Balaiada (maranhão, 1838 -1841), conhecidas como revoltas urbanas (p.98).

Dentre essas manifestações e ações coletivas de luta e revolta contra a escravidão, o quilombo ganhou destaque no cenário nacional, até os dias de hoje, residindo diversos afro-descendentes quilombolas, mantendo suas tradições culturais e religiosas. Na definição de Moura (1989), quilombo, quilombagem é:

O movimento de rebeldia permanente organizado e dirigido pelos próprios escravos que se verificou durante o escravismo brasileiro em todo o território nacional. Movimento de mudanças social provocado, ele foi uma força de desgaste significativo ao sistema escravista, solapou as suas bases em diversos níveis – econômico social e militar – e influir poderosamente para que esse tipo de trabalho entrasse em crise e fosse substituído pelo trabalho livre (p.22).

Os quilombos não eram somente lugares onde os escravos fugidos se refugiavam, mas representavam diversas formas de protestos e de manifestações culturais trazidas pelos negros.

Ainda sobre a formação de quilombo, Theodoro (s/d) esclarece:

Os quilombos eram formados em regiões afastadas das unidades de produção e dos aparelhos militares escravistas. Se caracterizavam pela dimensão pan-africanista de sua luta, implantando e expandindo os valores negro-africanos e se constituindo como referência da resistência contra o escravismo colonialista, dando nas Américas, continuidade ao processo de guerra de libertação africana. [...] Algumas mulheres se destacaram na afirmação sócio-existencial negra, que foram os quilombos. (s/p).

Nessa importante presença e participação das mulheres nos quilombos, podemos citar Mariia Rodrigues, fundadora da comunidade de Tijuaçu, hoje remanescente de quilombo:

Como destaca Machado (2004):

[...] o começo da vila e dos outros povoados teve lugar por volta de 1800 com a chegada de três mulheres, fugitivas da escravidão de uma senzala situada perto de Salvador, que decidiram parar a sua caminhada neste e não num outro lugar. Não se sabe o que aconteceu com as duas outras, pois só a pessoa de Maria Rodrigues marcou a história, a imaginação e linguagem da comunidade negra de Tijuacu e das redondezas (MACHADO et al. 2005, p.23).

A participação da mulher na construção da comunidade de Tijuacú foi a mesma realidade de muitas mulheres negras nos diversos quilombos espalhados pelos cantos do Brasil, onde fundaram e tiveram voz ativa nas lideranças dos mesmos, ficando também assim sua marca registrada na luta contra a escravidão, abrindo caminhos para novos movimentos femininos em defesa do negro e principalmente das mulheres.

No Brasil, na metade da década de 1970 e durante a década de 1980, o movimento de mulheres foi para as ruas, junto com outros movimentos sociais, em defesa de seus direitos e "identidade", opondo-se às desigualdades sociais imputadas às relações de gênero, em favor da abertura política para transformar a sociedade brasileira (OLIVEIRA 2006, p. 33).

Os movimentos de revolta contra a condição a que eram submetidos os negros, abriu um leque para que outros movimentos e manifestos surgissem em todo o país em prol do povo negro e afro-descendentes, não apenas na época da escravatura, mas até os dias atuais. Como diz Oliveira (2006):

O Movimento Negro vem denunciando com freqüência o tratamento discriminatório recebido pelos negros e vem lutando não só para eliminar as práticas de interiorização com respeito às diferenças raciais, sociais e de gênero, mas também pela igualdade de oportunidades nos diferentes níveis de ensino (p.81).

Essas lutas empregadas pelos movimentos negros em diversas regiões do país, em prol da igualdade de oportunidades e melhores condições de vida, não deveriam mais ser reivindicações dessa classe discriminada, mas, sim, das instituições de ensino e dos governantes.

1.3 Cultura e mulheres negras.

A cultura afro-brasileira é resultado da cultura dos escravos trazidos do continente Africano para o Brasil. Hoje no país ela é parte da cultura dos afro-descendentes brasileiros, sendo representada por diversos elementos, como por exemplo: a música, a dança, a culinária, a veste, a religião, a linguagem e muitos outros traços culturais, que ao longo da história vem sendo desvalorizados pela sociedade e pela mídia, pois a mesma divulga apenas o que dá lucro financeiro.

Mesmo com os preconceitos, percebemos que nos dias atuais tem-se discutido um pouco mais sobre os negros e sua cultura, a qual muito tempo ficou esquecida por parte da sociedade e dos governantes que não tinham intenções de torná-la conhecida e valorizada, vendo o negro como um ser sem conhecimento, valor ou cultura, considerando-o inferior ao branco.

Hoje, a luta pelo reconhecimento e valorização da cultura-afro tem sido realizada por algumas comunidades, movimentos e políticas públicas, que reconhecem que essa cultura é parte do Brasil e dos brasileiros, e não pode ser excluída, nem marginalizada. Conforme Oliveira (2004), “Essa situação só não se encontra em pior estado porque existem no país grupos negros conscientes de sua raça e organizados na luta para fazerem valer os seus direitos, preservando sua cultura, fazendo-a reconhecida pelo valor que detém”. (p.34).

A manifestação cultural afro-brasileira é parte integrante da cultura brasileira, que é constituída de várias culturas como a indígena e a européia, formando assim a miscigenação tanto cultural como populacional do Brasil. Como declara Nova (1985): “A cultura brasileira, como todos nós sabemos, é resultado da síntese de várias culturas em contato: a Cultura européia particularmente, a ibérica e as diferentes culturas indígenas autóctones e as variadíssimas culturas transplantadas da África”. (p.37).

Esses três povos contribuíram diretamente para a pluralidade cultural do país, que se estende por toda parte, se destacando cada uma em particular em uma região do Brasil como: a cultura européia no Sul e Sudeste, a indígena no Norte e a

africana no Nordeste. Mas o que vemos é o predomínio da cultura da elite, e a negação das manifestações culturais afro-brasileiras que são parte da sociedade.

Podemos dizer que as manifestações culturais afro-brasileira são formadas de danças, música, linguagem, culinária, religião, arte, moda e tantas outras formas de viver de uma sociedade. Sociedade esta em que a cidade de Senhor do Bonfim se encontra.

Nesse contexto, trazendo para a realidade local, constituída de diversas manifestações culturais é composta a rica cultura bonfinense, formada pela miscigenação populacional e cultural também dos povos indígenas, que se localizaram na comunidade de Missão do Sahy e dos escravos localizados na comunidade Quilombola de Tijuaçu.

A manifestação cultural afro-brasileira, depois da abolição, se espalhou em todo o Brasil, mais quase desapareceu nos últimos anos. Só não chegou ao fim porque os próprios negros começaram a se organizar e lutar por esse reconhecimento. A história das manifestações afro-brasileiras se repete em várias comunidades, passando de gerações a gerações, e se tornou uma das essências principais das comemorações de algumas datas tais como: 13 de maio, Lei Áurea e 20 de novembro, Consciência Negra, sendo também o caso de Tijuaçu, Comunidade Remanescente Quilombola, fundada a mais de 200 anos, e que ainda mantém suas tradições vivas. No entender de Miranda (2009):

A identidade cultural da população de Tijuaçu é revelada através de suas religiões, do seu cotidiano e do modo de ser dos seus habitantes. Assim, esses aspectos são percebidos não apenas na cor da pele de sua gente, mas, sobretudo, na memória dos mais velhos moradores de Tijuaçu, que narraram às histórias contadas por seus avôs, remetendo-as sempre a um passado, referente às experiências vivenciadas por seus antepassados em relação à escravidão. (p.31).

Sendo símbolo de resistência e valorização cultural, dentre elas ressaltamos o Samba de Lata.

As vivências cotidianas são incorporadas às letras das músicas do Samba de Lata. o cotidiano tem se revelado na história social como área de improvisação de papéis informais novos e de potencialidades de conflitos e confrontos, em que se multiplicam formas peculiares de resistência e luta. [...] O Samba de Lata conquistou diferentes espaços, passando a representar a principal manifestação cultural de Tijuáçu e de Senhor do Bonfim. Um grupo que antes tinha o samba como uma brincadeira, uma forma de lazer e de diversão, passou a constituir-se como grupo cultural. Assim, o grupo passou a se apresentar durante as festas juninas do município de Senhor do Bonfim no início da década de 70 do século passado. Posteriormente, foi convidado para apresentação em outros eventos do município – desfiles cívicos e escolas da região, por exemplo. Atualmente, são vários os convites que recebem de diferentes órgãos e cidades. (MIRANDA 2009, p 119,122).

Além do samba, a música também se destaca no cenário cultural como uma das manifestações afro-brasileiras mais importantes, para tanto é necessário a sua valorização dentro da música popular. Já na religião dos afro-descendentes o Candomblé é o que mais se destaca, tendo um terreiro no distrito de Tijuáçu e muitos na cidade de Salvador, apesar de sofrerem diversos preconceitos por parte da sociedade e de muitas religiões.

É notório dizer que estamos em uma sociedade que se diz a todo o momento ser democrática e multicultural, mas que ainda percebemos muitos preconceitos e ranços nas manifestações culturais afro-brasileiras causadas pela própria sociedade.

É diante desses questionamentos apresentados, onde a mulher no Brasil, e em particular as mulheres de Tijuáçu, que ainda sofrem diversos tipos de preconceitos e discriminação por parte da sociedade que insistem não reconhecer e valorizar a mulher, em especial a negra, na construção e participação da sociedade em geral, que surge o objetivo de nossa pesquisa que é: refletir sobre a mulher e sua contribuição, enquanto mulher trabalhadora e elemento transmissor da cultura popular da comunidade de Tijuáçu.

As discussões levantadas no decorrer desse trabalho visam à contribuição à reflexão sobre a importância, reconhecimento e valorização da mulher no cenário da sociedade em geral e, em especial, na comunidade de Tijuáçu, que é remanescente de quilombo, rica em manifestações culturais e religiosas, que vem durante alguns

anos elevando o nome da cidade de Senhor do Bonfim no cenário cultural com suas apresentações do Samba de Lata.

Esperamos que esse estudo inquiete mais pessoas, e que as mulheres negras possam se sentir valorizadas buscando melhores condições de vida, se orgulhando da sua identidade étnica cultural e religiosa.

CAPITULO II – Procedimentos Metodológicos.

2.1 A Pesquisa: História Oral.

Nesse trabalho escolhemos a abordagem da História Oral para estudar a História das Mulheres Negras, a resistência, a cultura e sua importância na construção da comunidade de Tijuacu; uma vez que esta comunidade tem no seu mito de origem a presença de ter sua fundação protagonizada por Mariinha Rodrigues, uma escrava fugitiva provavelmente de uma fazenda do Recôncavo baiano.

Com o intuito de colhermos lembranças e relatos de vida, utilizamos a História Oral, por acreditamos ser a mais apropriada para nossos objetivos. Para Aróstegui (2006) A “história oral” (HO) é uma atividade historiográfica que compreende duas coisas diferentes que seus próprios cultivadores distinguem e que é preciso manter separadas conceitualmente “(p.532).

A história oral que desde a antiguidade era usada para transmitir as histórias e os ensinamentos pelos mais velhos passa agora a ser utilizada como uma nova técnica na metodologia dos trabalhos científicos. Os trabalhos desenvolvidos tendo a história oral como metodologia ganharam espaço, abrangendo diversas disciplinas e áreas de estudos que a utilizam para difundir seus conhecimentos e experiências, além de dar oportunidade para os mais esquecidos e marginalizados serem ouvidos.

2.2 As Fontes.

As fontes deste estudo foram constituídas em duas partes: As fontes escritas ou as obras de autores que auxiliaram na construção teórica e as fontes orais, relatos que transformados em documentos trazem a parte principal deste estudo.

2.3 Fontes escritas.

As fontes escritas foram fundamentais na construção do nosso trabalho; utilizamos alguns livros e artigos que contribuíram para a discussão do objeto em estudo.

Aróstegui (2006) – Traz em seu trabalho um texto crítico e de fácil compreensão, favorecendo na formação de um historiador, contendo teoria e métodos próprios para alunos e professores de história, como também todos os interessados em historiografia.

André (2008) – Apresenta em sua obra o resultado da tese de seu doutorado, tendo como objetivo de estudo a construção de subjetividades em afro-descendentes brasileiros, dividindo seu livro em duas partes que trazem diversos aspectos dessa subjetividade. A primeira parte enfoca a Pesquisa teórica-conceitual e a segunda a Pesquisa empírica. André é negra, mestra e doutora em Psicologia pela UNB.

Ludke e André (1986) – É parte de uma coleção com temas básicos de educação e ensino, dividido em cinco partes, favorecendo a docentes e discentes de ensino médio e superiores informação e explicação sobre metodologia de trabalhos científicos em especial em abordagens qualitativas.

Machado (org) (2004) – Resgata a história da Tijuaçu comunidade remanescente de Quilombo, baseado nos relatos dos moradores, tem leitura fácil e direta, tornando dessa maneira a leitura agradável, sendo um livro para todas as idades, principalmente para as pessoas que têm interesse de conhecer um pouco mais sobre a história da fundação da comunidade de Tijuaçu, seus povos, sua cultura, seus costumes e crenças.

Miranda (2009) – É resultado da tese de seu doutorado. Dividido em 3 capítulos conta a história da comunidade de Tijuaçu, como a sua fundação, as famílias, a sobrevivência e a cultura dos moradores daquela localidade.

Munanga e Gomes (2006) – Usufruímos de seus estudos em que mostra a história dos negros na África, antes, durante e depois do tráfico negreiro para o Brasil, os motivos e interesses dos colonizadores em trazer os negros africanos para trabalharem como escravos no Brasil, a situação a que os negros eram submetidos durante a viagem e sua chegada no país. É uma obra de grande valia, pois o que muitos livros deixaram às escondidas é retratado de forma direta e clara. Trás não só a situação em que os negros passaram no passado, mas os movimentos, as lutas, as culturas, as religiões, as conquistas e dificuldades que enfrentaram e enfrentam ainda hoje para terem melhores condições de vida, para serem reconhecidos e valorizados como lhes é de direito.

Oliveira (2006) – Traz em sua obra o resultado de uma pesquisa acadêmica realizada com docentes pesquisadoras que relatam em depoimentos diversas preconceitos e dificuldades enfrentadas por elas, mostrando de fato que não é só a condição social e a falta de educação em que se encontram os negros no Brasil que dificultam a ascensão do negro, mas, sim, a condição de ser mulher negra, pois estas são as que mais sofrem preconceito e têm dificuldade de encontrar emprego.

Oliveira (2004) – Tenta desmascarar o racismo sofrido pelos negros no Brasil, onde é manifestado de diversas maneiras.

2.4 Fontes orais.

2.5 Caracterizações das fontes.

Caracterizar nossas fontes é reconhecer sua importância, que embora não sendo pessoas públicas, pessoas conhecidas pela maioria, assumem pelo seu trabalho, vivência, luta e história de vida uma relevância que merece ser divulgada e valorizada. Ao caracterizá-las, estamos permitindo que conheçam um pouco, as mulheres que gentilmente e com grande satisfação colaboraram conosco, compartilhando um pouco das suas vivências. Mulheres essas que muitas vezes passam

despercebidas, mas trazem consigo vastas experiências de sofrimentos, lutas, conquistas, alegrias e esperança na vida

Como nosso trabalho é voltado para a história de mulheres negras, não poderíamos trabalhar como outros colaboradores, a não ser as mulheres negras guerreiras de Tijuaçu.

Nossas parceiras colaboradoras nessa pesquisa são sete mulheres, duas participantes do Samba de Lata, duas vendedoras de Acarajé, duas vendedoras de milho e uma das moradoras idosas da localidade.



Figura 1: Senhora Orelita Damasceno de Santana (1973)
Acervo de Eliene Gonçalves.

Orelita Damasceno de Santana, tem 37 anos de idade, nascida em 13 de maio de 1973, na fazenda Alto Bonito, comunidade próxima a Tijuaçu, filha de Ademar Soares dos Santos e Ozelina Maria Damasceno, tem 5 irmãos, é casada, mãe de 2 filhos, sendo 1 menina e 1 menino, todos adolescentes, católica, estudou até o 2º grau completo, fez CPA na Escola Municipal de 1º Grau de Tijuaçu, é vendedora de Acarajé na cidade de Jaguarari, também participa do Samba de Lata, é dançarina e coordenadora do Samba de Lata Mirim.



Figura 2: Senhora Nubiana Rodrigues Ventura (1980)
Acervo Eliene Gonçalves.

Nubiana Rodrigues Ventura, brasileira, tem 30 anos de idade, nascida em 11 de dezembro de 1980, em Senhor do Bonfim, filha de Manoel Ventura e Carmelita Rodrigues Ventura, tem 7 irmãos, sendo 4 homens e 3 mulheres, é casada, tem 1 filho pequeno, católica, estudou até o 5º ano do Ensino Fundamental I, é vendedora de milho, e há 3 anos voltou a morar na comunidade de Tijuaçu, depois de morar anos em Brasília.



Figura 3: Valdelice da Silva (1957)
Acervo Eliene Gonçalves.

Valdelice da Silva, conhecida como Detinha, tem 53 anos de idade, nascida em 09 de junho de 1957, em Tijuaçu, filha de Vitor José da Silva e Ildelbranda

Vitalina da Silva, tem 8 irmãos, 2 homens e 6 mulheres, todas elas nasceram na roça, é solteira, católica, estudou até o primeiro grau completo, participa do Samba de Lata é dançarina, lavradora e mora sozinha.



Figura 4: Senhora Maria Rodrigues da Silva (1927)
Acervo Eliene Gonçalves.

Maria Rodrigues da Silva tem 74 anos de idade, nascida em 13 de setembro de 1927, em Tijuáçu, filha de Alcina Rodrigues, tem 4 irmãos, é viúva, mãe de 14 filhos, sendo 12 meninas e 2 meninos, católica, é analfabeta, aposentada, mora com filhas em uma casa um pouco afastada de Tijuáçu.

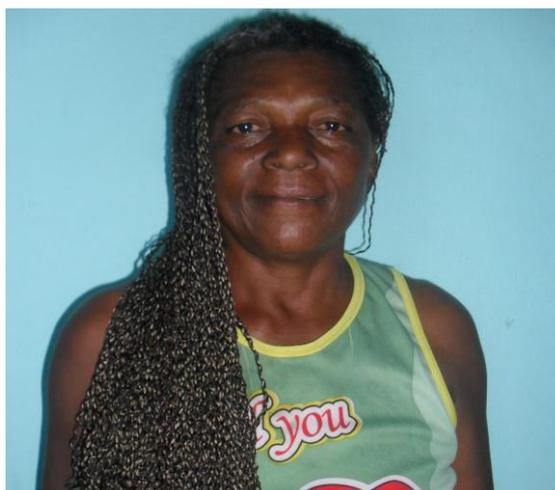


Figura 5: Marinalva dos Santos Silva (1957)
Acervo Eliene Gonçalves.

Marinalva dos Santos Silva tem 54 anos de idade, nascida em 19 de fevereiro de 1957, na fazenda Quebra Facão, próxima a Tijuáçu, filha de Dioclesio José dos

Santos e Almerinda Vitalina dos Santos, é casada, tem 4 filhos, sendo 1 menina e 3 meninos, católica, estudou até o 1ª ano do Ensino Fundamental I, é vendedora de milho, feijão, melancia, acarajé, etc, e dançarina do samba de lata.

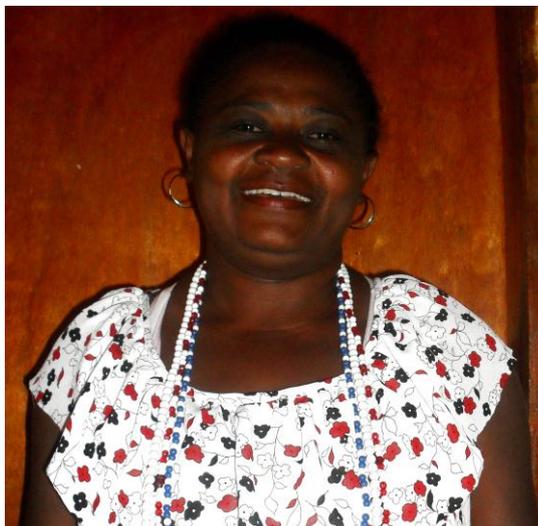


Figura 6: Ilca dos santos (1961)
Acervo Eliene Gonçalves.

Ilca dos Santos tem 48 anos de idade, nascida em 26 de dezembro de 1961, em Tijuáçu, filha de Duvalino Juviliano dos Santos e Altamira Maria de Jesus, é solteira, tem 5 irmãos, sendo 4 mulheres e 1 homem, é católica, estudou até o 2º grau completo, é dançarina do Samba de Lata e lavradora.

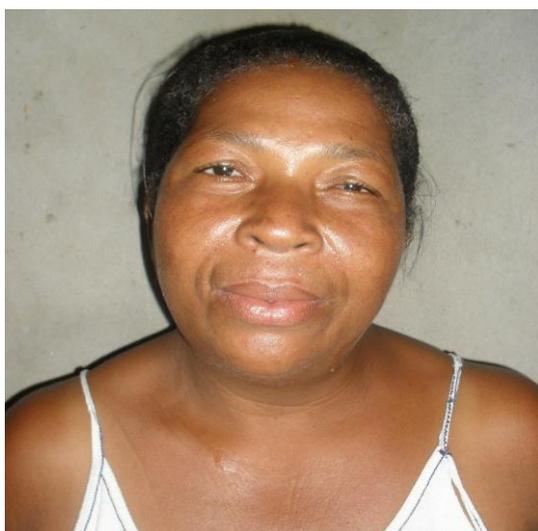


Figura 7: Dalva Barbosa de Souza (1967)
Acervo Eliene Gonçalves.

Dalva Barbosa de Souza tem 44 anos de idade, nascida em 06 de janeiro de 1967, na cidade de Retirolândia, Bahia, vindo morar como seus pais e irmãos ainda pequena, na comunidade de Tijuaçu, filha de Basílio Souza Lima e Valdelícia Maria de Jesus, é casada mãe de 6 filhos sendo 4 mulheres e 2 homens, é católica, estudou até a 1ª série do Ensino fundamental I, é agricultora e vende também acarajé.

2.6 Instrumentos de coleta de dados.

O instrumento utilizado para coleta de depoimentos foi a entrevista, organizada em um guia.

2.6.1 Entrevista.

A entrevista é uma técnica muito utilizada na observação de dados nas pesquisas, permitindo os entrevistados se expressarem oralmente, sobre o que pensam e sentem. Conforme Ludke e André (1986) “Uma entrevista bem feita pode permitir o tratamento de assunto de natureza estritamente pessoal e íntima assim sendo com temas de natureza complexa e de escolhas nitidamente individuais.” (p.34).

2.6.2 Guia das Entrevistas.

Depois de recolhermos as assinaturas e outros dados das depoentes e testemunhas através da carta cessão, conforme consta nos parágrafos anteriores mencionado acima seguimos usando o roteiro das entrevistas organizadas em um guia dividido em dois blocos: 1º identificação das fontes e o 2º questões da pesquisa.



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS VII

ROTEIRO DA ENTREVISTA

Por: Eliene Gonçalves Dias

Assunto: História de Mulheres Negras: A Resistência, a Cultura e sua Importância na Construção da Comunidade de Tijuáçu.

1º BLOCO: Identificação das fontes.

Data:.....de.....dehorário do início:horas

Local:

Nome:

Etnia:.....

Idade: anos/ data de nascimento:

Posição no grupo familiar:.....

Filiação: e

Local de nascimento:.....

Estado Civil:.....

Nº de filhos: (feminino) (masculino)

Religião:

Escolaridade:.....

Ocupação:

2.6.3 2ª Bloco – Questões das entrevistas.

Nesse segundo bloco, encontram-se as questões a serem respondidas pelas entrevistadas, dividido em três partes: a família, as lembranças da infância e a comunidade de Tijuáçu.

1 FAMILIA

Fale sobre sua família, seus pais e seus irmãos.

2 INFÂNCIA

Você lembra como foi sua infância?

3 TIJUAÇU

Que história você sabe sobre a criação da comunidade de Tijuáçu? E quem lhe contou essa história?

Pra você o que Marriinha Rodrigues significa?

Como você vê a participação da mulher na luta, na cultura e na construção da comunidade de Tijuáçu?

Você lembra como era a comunidade de Tijuáçu antes de ser reconhecida como comunidade remanescente de Quilombo?

Você já sofreu algum tipo de preconceito? Qual?

Você encontra algum tipo de dificuldade como vendedora de acarajé?

Você encontra algum tipo de dificuldade como vendedora de milho?

Você encontra algum tipo de dificuldade por ser dançarina do Samba de lata?

2.6.4 A transcrição.

Depois de termos colhido as entrevistas com nossas colaboradoras, fez-se necessário a transcrição das entrevistas que fizemos através de gravação com um gravador, sendo transcritos posteriormente todas as entrevistas para o papel escrito a mão e depois escrito no computador.

Transcrever todas as entrevistas não foi tarefa fácil, devido à falta de experiência, e levando dias para a transcrição, sendo necessária utilização de fone de ouvido e voltar diversas vezes às gravações para ouvir melhor cada palavra pronunciada pelas nossas colaboradoras, não ocorrendo interferência nas gravações que viesse a prejudicar a realização de uma boa transcrição, permitindo dessa maneira, passar para a forma escrita o que foi dito oralmente, possibilitando às pessoas acesso ao teor das entrevistas.

2.6.5 A carta cessão.

Documento necessário e indispensável é através dela que os entrevistados permitem a utilização dos depoimentos. A carta cessão concede que a instituição tome sob sua responsabilidade o controle sobre as gravações e os documentos transcritos.

CARTA CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL PARA A UNEB/CAMPUS VII – SENHOR DO BONFIM

1. Pelo presente documento eu.....

Brasileira , estado civil....., profissão.....

Carteira de identidade nº.....emitida por.....

CPF nº..... Residente e domiciliada em.....

.....
Município de Senhor do Bonfim, Bahia, cede e transfere nesse ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo à *Universidade do Estado da Bahia (UNEB)* a totalidade dos seus direitos patrimoniais de autor sobre o depoimento prestado no dia.....de.....de....., perante a orientanda (pesquisadora) Eliene Gonçalves Dias.

2. Na forma preconizada pela legislação nacional e pelas convenções internacionais de que o Brasil é signatário, o DEPOENTE, proprietário originário do depoimento de que trata este termo, terá, indefinidamente, o direito ao exercício pleno dos seus

direitos morais sobre o referido depoimento, de sorte que sempre terá seu nome citado por ocasião de qualquer utilização.

3. Fica, pois a *Universidade do Estado da Bahia (UNEB)*, plenamente autorizada a utilizar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive cedendo seus direitos a terceiros, no Brasil e/ou no exterior.

Sendo esta forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento em **02 (duas)** vias de igual teor e para um só efeito.

Assinatura legível do cedente

TESTEMUNHAS:

Nome legível

CPF:.....

Nome legível

CPF:.....

2.7 LOCAL DA PESQUISA



Figura 08. Praça principal de Tijuáçu: (2011)

Arquivo de Eliene Gonçalves

A nossa pesquisa foi realizada no distrito de Tijuaçu, outrora conhecido como Lagarto; é uma comunidade remanescente de Quilombo, situada às margens da Rodovia Lomanto Junior, BR 407, no Território do Piemonte Norte do Itapicuru, pertencente ao município de Senhor do Bonfim, no semi-árido baiano.

Tijuaçu é um nome indígena que significa lagarto grande. Segundo a historiografia regional, sua origem se dá a partir de duas escravas fugitivas de uma fazenda, provavelmente do recôncavo baiano. Conta-se que elas, após caminharem muitos dias, chegaram à beira de um lago, onde hoje se localiza o povoado de Alto Bonito, e pararam para descansar. Uma das escravas foi embora, não se sabe para onde e a outra Mariinha Rodrigues ficou constituindo família que deu início à comunidade de Tijuaçu.

Tijuaçu é uma comunidade muito rica em manifestação cultural, ganhando destaque o Samba de Lata, a Dança do Parentesco, as quadrilhas. A sua culinária é marcada pelos bolinhos de feijão, conhecidos como acarajés, que são vendidos tanto na localidade como nas praças da cidade de Senhor do Bonfim.

A comunidade possui escolas, posto médico, uma unidade do Centro de Referência e Assistência Social - CRAS, cartório, pequenos mercados, casa de farinha, Associação Quilombola, uma capela dedicada ao padroeiro da comunidade São Benedito e diversas igrejas protestantes, sem falar em um terreiro de candomblé, que tem as funções sob sigilo e sem nenhuma divulgação.

CAPÍTULO III

3.1 A Família e a infância: as lembranças do primeiro núcleo social da menina.

A família é o primeiro meio social em que a pessoa se encontra, sendo também a primeira responsável pela formação e influência cultural dos indivíduos, é vista como a transmissora principal de valores e crenças. Segundo Prado (1991) “o termo FAMÍLIA origina-se do latim FAMULUS que significa: conjunto de servos e dependentes de um chefe ou senhor. Entre os chamados dependentes inclui a esposa e os filhos” (p.51). As famílias das entrevistadas estão de acordo com o que indica este autor, tem no pai a figura central, embora em muitos casos tenham falecido cedo, outros por motivos desconhecidos abandonaram a família, deixando a responsabilidade de cuidar dos filhos com as mães.

As famílias aqui tratadas são em sua maioria grandes, tem entre 8 e 13 filhos, com pouca leitura, analfabetos ou semi-analfabetos, sobrevivem da agricultura extrativista de forma elementar, “[...] meu pai ia pra roça, e nós ia catar momona na roça, e nisso nos catava momona e dava a nossa mãe pra vim comprar um quilo de farinha e uma banda de rapadura aqui na rua.”(Valdelice).

Apesar das transformações na estrutura familiar da atualidade, a presença do pai e da mãe é de grande importância na construção familiar, pois este conjunto de pessoas se encontra presente em todos os momentos, bons e ruins, “[...] outro momento difícil tomem porque na época da minha infância, é... minha mãe ela era, alcolita, além ela beber muito, aí a gente tinha disgosto assim porque ela bebia [...], vulneráveis aos problemas, o que pode ter uma carga de influencia positiva ou não para o comportamento dos indivíduos, principalmente das crianças que se encontram em processo de conhecimento e construção de identidade.

Na região nordeste, houve um tempo em que as famílias das áreas rurais tinham muitos filhos, em Tijuáçu essa situação se confirma com o depoimento das

colaboradoras, quando solicitadas a falar sobre a sua família, seus pais e seus irmãos, reagem como D. Maria Rodrigues: “Muler são 11, mulher e 2 homem, são 14 né, vivos graças a Deus, meu Deus”. E retrataram a quantidade de membros familiar, que registram números que variam entre 9 e 13 filhos. Os índices de famílias numerosas eram comuns antigamente, principalmente entre a classe popular, no caso das nossas colaboradoras as dificuldades de criação e de alimentação eram muito grandes devido às péssimas condições de vida e ao número elevado de filhos.

Apesar das famílias serem numerosas, é notório o sentimento de felicidade e de união que as nossas colaboradoras, demonstraram pelos seus familiares, transmitido não só nas falas, mas nas expressões faciais a emoção e satisfação ao falar dos mesmos

“Minha família são ótimo, são é... pessoas assim... que tá sempre ao meu lado, sempre mim ajudam na hora que eu mais preciso... eles mim ajudam. Então... minha família são ótimo, somos 5 irmãos vive todo aqui, somos todos donos de si, temos nossa casa, só tem 1 só de menor que mora mais pai, e mãe, mas eu não tenho nada a falar assim, que são ótimas pessoas”.(D.Orelita).

A comunidade de Tijuçu é também conhecida por ser formada por moradores que em sua maioria têm laços de parentesco muito próximos, assim, acabam por serem quase todos da mesma família, provavelmente uma herança deixada por Mariinha Rodrigues, a matriarca fundadora desta comunidade; eles se mantêm unidos e ajudando-se mutuamente.

A vida vai passando, e as lembranças vão sendo resgatadas das memórias onde estas se encontram armazenadas. Apesar das lembranças nem sempre serem felizes, o tempo das brincadeiras, principalmente as de bonecas, corridas pelas ruas, tem o seu lugar de destaque, assim como o sofrimento, muito trabalho, o sacrifício da labuta nas roças para sobreviver refletido no relato de Dona Nubiana “[...] carregava muita água na cabeça, no tanque... a gente pegava no tanque e chafariz, a gente carregava muita água é... e ia pra roça, era isso.”

Para uma delas, a seca foi um dos maus momentos de sua infância, aliado a isso, havia a convivência com o alcoolismo de sua mãe, um problema que causava muito sofrimento a todos e muito mais sentido por parte das crianças.

[...] momentos ruins, teve uma seca nessa época, teve uma seca muito grande nessa época, tinha uma base de uns oito anos, e teve uma seca muito grande, meu pai ia pra roça, e nós ia catar momona na roça, e nisso nos catava momona e dava a nossa mãe pra vim comprar um quilo de farinha e uma banda de rapadura aqui na rua, a minha infância foi muito, noia, outro momento difícil tomem porque na época da minha infância é minha mãe ela era, alcolita, alem ela beber muito, ai a gente tinha disgosto assim porque ela bebia, a gente dava conselho, ai ela cum tempo, ela através de muito conselho ela deixou de beber, mas a gente sofria muito porque ela bebia(Valdelice).

Em outro depoimento encontramos a infância identificada com o sustento da casa e o trabalho na rua

[...] meu pai faleceu, 60 e eu fiquei junto com minha mãe, meus 9 irmãos, somos 9 irmãos , nos somos 9 irmãos, minha mãe ficou viúva a gente ia trabalhar na roça, ela pegava o dia de macaco , que você sabe o que é, que chama macaco a diária , ela ia, a gente ia ganhar, ganhar aquela dinheiro pra pode a gente sustentar os outros irmãos, eu comecei vender, trabalhar com 8 anos de idade, eu ia vender a pimenta do reino, ei ia vender a cebola, eu ia vender o limão, eu ia vender o tomate, eu ia vender a manga, eu ia vender a pinha, vender o licuri maduro, cuzido, isso ai, eu desne os 8 anos de idade, que eu comecei a trabalhar, [...]. (D.Marinalva).

Ter um olhar diferenciado para a infância e enxergá-la como uma etapa importante na construção da identidade do ser humano remonta ao tempo moderno, pois na antiguidade o mundo da criança não existia como nós o conhecemos hoje, não existia uma separação entre o mundo infantil e o mundo adulto, e a criança estava desprovida de seus direitos. Para Airés (1981) “[...] criança quer dizer não falante, pois não têm seus dentes bem ordenados nem firmes” p.326.

Historicamente, a infância das crianças negras foi bem mais difícil que a infância de uma criança branca da elite, tendo ambos os papéis diferenciados em casa e na sociedade, as crianças brancas tinham espaço de lazer e de estudo, para a criança negra restava o trabalho infantil como forma de contribuição para a sobrevivência da família. “[...] carregava muita água na cabeça...no tanque... a gente

pegava no tanque e chafariz, a gente carregava muita água é... e ia pra roça, era isso” (Dona Nubiana).

Também Dona Dalva relembra a infância como época difícil em que além da roça carregava muita água na cabeça. “[...] carregava água longe, não tinha o que comer, comia, trabalhava pra sobreviver”. Já nas lembranças de infância se impõem as condições climáticas da localidade, o sol escaldante, a seca e muito trabalho na roça, estão na memória de Dona Marinalva e a da Senhora Maria Rodrigues, que falam de suas infâncias com muita emoção “[...] trabalhava muito na roça, isso aí é que eu mim lembro muito, trabalhava muito na roça, que eu não tinha, não tive pai, trabalhava com minha mãe, na roça dos outro ganhando dinheiro pra comer, pra sobreviver”. A expressão “trabalhava muito na roça” é a lembrança de um passado doloroso em que Tijuçu passou por uma grande seca, levando muitos animais á morte, forçando as pessoas a viverem em péssimas condições e outras a deixarem suas casas em busca de sobrevivência em outras regiões do país, a exemplo da migração para São Paulo, o que é muito comum nesta região.

Encarar o sol escaldante da roça, a falta de comida, a seca e as latas d’água na cabeça, foi a dura marca da infância de muitas mulheres de antigamente, que para sobreviver tiveram que trocar as brincadeiras de casinha e de bonecas pela enxada e foice, trabalhando durante horas debaixo de sol em péssimas condições. Isto fica bem claro nos relatos das colaboradoras, que para ajudar no sustento da família, sacrificaram a infância, retratando dessa forma a realidade de muitas mulheres e jovens do sertão nordestino.

Mas nem todas as colaboradoras, lembram da infância como sendo só momento de trabalho, lembram também dos momentos aprazíveis de diversão como relata Dona Orelita: “Minha infância foi ótima curti muito, é... é... trabalhei comecei a trabalhar de pequena”. Da mesma maneira, Ilca se lembra dos bons momentos de criança “[...] sim, minha infância foi ótima né, brinquei muito, passei muito também né, foi boa minha infância”. Reafirmando os bons momentos de infância, mesmo em meios às dificuldades, Detinha concluí: “Nossa infância foi muito boa, porque não, não, momentos bons e momentos ruins, porque teve muita seca naquela época,

mas nossa mãe, meu pai graças a Deus soube criar nós”. Os relatos de Dona Orelita, Ilca e Detinha vêm nos mostrar que numa comunidade onde seus familiares lutaram e seus moradores lutam até hoje para sobreviver, foi e é possível uma infância feliz, onde o trabalho e o sofrimento também fazem parte, mas sem embotar o lugar da alegria de ser criança.

3.2 Tijuaçu e a participação das mulheres no seu mito de origem.

Conforme relatos dos moradores, a origem da comunidade de Tijuaçu se deu à aproximadamente uns 200 anos atrás, na época da escravidão no Brasil quando os negros eram trazidos do continente africano para serem escravizados. O mito de origem deste lugar inicia após a chegada de duas ou três escravas - porque não se sabe exatamente o número, fugiram de uma senzala aos arredores da capital baiana, caminhando dias e noites por entres as matas, até chegarem à beira de um lago perto de um morro onde hoje está situada a comunidade de Alto Bonito. Apesar da história de Tijuaçu fazer menção a duas ou três escravas, somente uma ficou na lembrança, Marrinha Rodrigues.

Tijuaçu foi fundada pelos negro, Tijuaçu foi fundada pelos negro depois que chegou essa Mariinha Rodrigues, que ela veio a dente de cachorro como dizia eles, ela veio, foi no tempo de, da da escravidão que ela veio corrida de Salvador, Salvador ela se arranchou em cima do morro que é Alto Bonito e, daí ela foi criando os filhos dela e em cada comunidade negra ela ia deixando um, um, uma gestão dela, ia deixando 1 filho e dali foi criando aquela comunidade negra quilombola de Tijuaçu.(Dona Marinalva)

Instalando-se a beira desse lago, Marrinha Rodrigues, constituiu família casando provavelmente com um ex-escravo, tendo filhos, e criando uma estratégia própria de povoamento, colocou um filho em cada parte deste território, garantindo dessa maneira a preservação do grupo familiar e a posse das terras.

As histórias de Tijuaçu foram sendo transmitidas de geração a geração, inicialmente pelos pais, pessoas mais próximas no núcleo familiar, como nos contam as entrevistadas: “[...] quem mim contou a história foi minha mãe.” “[...] Olha a

história de Tijuáçu, na época... minha mãe contava e meu pai tomem.” depois e membro mais velhos da comunidade “Essa história quem contou foi os pais da gente, primeiro foi os avô da gente, depois os pai.” “Olha eu sei sobre a história de Tijuáçu, por causa de uma senhora que, é que ela se chama é Anisia, né, que hoje é a pessoa mais velha que tem aqui em Tijuáçu né.” “Os mais velho.”

Hoje, a maioria dos moradores tem conhecimento da sua descendência e da origem do lugar através da oralidade, uma atividade comum em comunidades ágrafas, que ao longo dos anos a utilizou como meio de transmissão e preservação da história, das culturas e dos costumes de grupos e sociedades, como é o caso de Tijuáçu desde a chegada de Mariinha e suas companheiras até os dias atuais.

3.3 Tijuáçu antes de ser comunidade quilombola.

Os maltratos e as condições indignas de sobrevivência dos negros no período da escravidão fizeram com que muitos escravos fugissem das fazendas, formando com outros grupos algumas comunidades de luta e resistência, estes agrupamentos ficaram conhecidos como quilombos como descreve Gomes e Munanga (2006):

[...] os quilombos brasileiros podem ser considerados como uma inspiração africana, reconstruída pelos escravizados para se opor a uma estrutura escravocrata, pela implantação de uma outra forma de vida, de uma outra estrutura política na qual se encontraram todos os tipos de oprimidos. (p.71).

Este é também o entendimento que se tem sobre a comunidade de Tijuáçu, reconhecida como Comunidade Remanescente de Quilombo, pelo fato de ter sido fundada segundo a historiografia regional, por uma negra ex-escrava. Antes de ser reconhecida, Tijuáçu passou por grandes dificuldades como falta d'água, moradia, saneamento básico, calçamentos, educação, saúde, segurança e muitas outras necessidades básicas, não tinham organização, ficando também durante anos esquecida pelos políticos que só apareciam na localidade em época de campanha eleitoral, com a finalidade de angariar votos.

Para nossas colaboradoras, Tijuçu hoje é outra realidade muito diferente e melhor do que era antes de ser reconhecida. “Lembro... eu lembro que nós era muito isolado, nós não tinha comunicação com ninguém” (Dona Orelita). O isolamento a que se refere a senhora Orelita, tem a sua origem no processo discriminatório gerado a partir da condição imposta aos negros trazidos da África.

Para dona Maria Rodrigues não existia união e diálogo em prol da comunidade. “Tijuçu não tinha comunidade, né, porque não tinha... agora tem... que pra trás, no tinha união... o povo no se ajudava pra conversar”.

Em outro depoimento a entrevistada faz um inventário das melhorias ocorridas na comunidade, e lembra os tempos anteriores como sendo períodos de dificuldade, um tempo ruim.

Era fraca e ruim, tinha muita coisa ruim, agora ta muito melhor. Antigamente no tinha é esses cartão da bolsa família, no tinha cultura, no tinha os quilombola no tinha nada disso, era tudo mais fraco, povo sofria, mais no tinha água, no tinha essa quadra ai na frente de esporte, no tinha PETI, no tinha PROJOVEM né, era tudo mais ruim agora melhorou muito que tem água, tem quadra, tem PETI tem né, PROJOVEM, tem bolsa família, melhorou muita coisa, tem associação quilombola que no tinha, ai melhorou muito. (Dona Dalva)

É perceptível na fala de nossas colaboradoras que os moradores de Tijuçu sofreram muito pelo esquecimento e pelas péssimas condições de vida as quais foram submetidos; não tendo organização, sem abertura e diálogo com os poderes públicos, e entre si, ficavam distantes dos projetos que viessem a favorecer o desenvolvimento daquele distrito.

A realidade de Tijuçu hoje é diferente, a comunidade está se organizando, já possui duas entidades que os representa: Associação dos Produtores Rurais do Alto Bonito e Associação Quilombola de Tijuçu, reconhecidas pela luta em prol do desenvolvimento das comunidades deste território quilombola, uma das marcas da força e união que hoje tem a comunidade é que conseguiram nas eleições de 2008

eleger um vereador que representa o povo daquele distrito, buscando melhores condições sociais.

3.4 Mariinha Rodrigues: o seu significado para Tijuáçu.

Maria Rodrigues, a fundadora de Tijuáçu, marcou a história daquele povo, que com bravura, dedicação e orgulho eleva a história e a comunidade de Tijuáçu. Marrinha Rodrigues, como é chamada de forma carinhosa pelos seus descendentes, já trazia em si a semente da resistência e do desenvolvimento, uma vez que distribuiu seus filhos no território com o sentido de povoamento, e conseqüentemente o crescimento da comunidade.

Quando se fala de Marrinha Rodrigues fala do inicio de tudo, da comunidade, da cultura, de todo os legados que existem na localidade, “[...]Tudo, Mariinha Rodrigues foi tudo pra nós”. (D.Marinalva) “[...] Mariinha Rodrigues pra mim significa o começo, o começo de Tijuáçu, que através de Mariinha Rodrigues foi que a gente descobriu muita coisa aqui em Tijuáçu”. (Valdelice) Marrinha é vista pelos seus descendentes não só como a fundadora, mas como maior responsável pelas manifestações culturais. “Ó Mariinha Rodrigues significa tudo, né porque ela foi quem deu... é... origem a essa comunidade quilombola e principalmente o Samba de Lata também, né”. (Ilca)

Para nossas colaboradoras assim como para muitos outros moradores, Marrinha é uma mulher guerreira, por tudo que ela fez e como ela teve que lutar para conseguir a liberdade e a sobrevivência. “[...] é um pessoa, é uma mulher muito guerreira, mulher guerreira, foi quem formou a nossa família aqui [...]” (D.Orelita). É o exemplo maior de luta, de resistência e determinação para as mulheres e para seu povo que tem nela o modelo de estímulo para continuarem a lutar em prol de elevação da comunidade de Tijuáçu, o que nos induz a deduzir que as mulheres de Tijuáçu herdaram de Marrinha Rodrigues essa força de luta, o trabalho e a vontade de crescer a cada dia.

3.5 A mulher na cultura e construção de Tijuáçu: preconceito e trabalho.

A trajetória da participação das mulheres negras na comunidade de Tijuáçu, vem desde a fundação da comunidade, realizada por uma mulher negra, que de forma singular e significativa marcou a importância e a participação das mulheres desta localidade no cenário de luta, resistência, cultura e crença deste distrito.

Na década de 70 as mulheres negras se organizaram em movimentos no país, com a finalidade de reivindicar para si os direitos aos bens essenciais à vida e à dignidade: o estudo, a saúde, o trabalho e moradia decente, sabe-se que é uma luta a ser travada diariamente, mas já se observa alguns avanços, tímidos certamente, mas já contemplando a participação da mulher negra na política, em cargos de visibilidade, nas artes, enfim, na construção e participação da sociedade. Assim também acontece em Tijuáçu, onde é mais forte a presença das mulheres nas atividades da localidade, como diz Ilca.

[...] Ótimo né, porque , assim começou a história... com uma muler né, e assim quando tem reunião aqui em Tijaçu só tem mais muler né, se a gente vai pra uma missa só tem mais muler, se tem uma festa só tem mais muler, e na associação também só tem mais muler, então é ótimo.... Somos.

Esse destaque que tem a mulher em Tijuáçu fica evidente quando se visita a comunidade, pois em todos os espaços as mulheres se encontram presentes, vendendo acarajé, vendendo milho, nas roças trabalhando, lutando dia a dia para melhorar as condições de vida de suas famílias. “[...] são... são guerreira, as muler daqui são muito guerreira... muito trabalhadora.” Para o povo daquela localidade, este estereótipo se junta ao que se cultua em Mariinha Rodrigues: a força, a luta.

Olha as mulheres aqui de Tijuáçu elas são guerreiras, elas aqui trabalham na roça, trabalham em casa de família, elas tem muitas que são mãe solteira, elas lutam com os filhos, trabalha e a sustenta os filhos, botam na escola mesmo, são umas mulhes sofredoras tamém por causa dos maridos, havendo, que muitos vão pra juazeiro trabalhar e elas ficam aqui, os dinheirinhos que eles traze é de 2 e 3 meses, havendo, e elas ficam lutando, trabalhando pra dá os filhos em casa de família, na roça, no milho,

no acarajé, tudo um pouco elas fazem, mas graças a Deus os filhos não deixam de estudarem e elas não deixam de, de manter os filhos delas e nem as casas delas. (Valdelice).

Mas o destaque das mulheres guerreiras de Tijuáçu não fica só na luta do dia a dia pela sobrevivência, mas nas manifestações culturais, como Dança do Parentesco e o Samba de Lata, manifestação própria daquele distrito, que é dançado por mulheres tem elevado o nome de Tijuáçu e da cidade de Senhor de Bonfim em várias esferas e cidades do nosso Brasil, como Salvador, Brasília e Rio de Janeiro, se destacando também na culinária fazendo os deliciosos acarajés que são vendidos na própria localidade, em Senhor do Bonfim, em Jaguariari e algumas comunidades do município, como também nos eventos festivos e esportivos.

Na questão religiosa, elas mantêm viva as orações na capela todos os sábados e domingos, a tradição da festa do padroeiro São Benedito. Na associação quilombola, a presença feminina está marcada desde a origem, pois a mesma iniciou com mulheres que aos poucos se uniram para formar uma associação que viesse reivindicar e buscar melhorias para as famílias da localidade.

Tijuáçu nem sempre foi essa comunidade valorizada e reconhecida, que hoje se vê. Os seus moradores sofreram diversos preconceitos, muitos deles dentro da própria comunidade. Como diz a senhora Nubiana.

Já a gente aqui, a gente, a gente de nossa raça de nossa cor, a gente já sofreu muito preconceito e até hoje ainda sofre, aqui dentro de Tijuáçu, preconceito mesmo, assim por causa da nossa cor, porque nós somos negra é preta é somos assim negra, eles esses uns que é melhor do que nós que pisar na gente, se a gente deixar eles pisa, aí.

Mesmo assim, nem todas assumem terem sido vítimas de preconceito: “Preconceito não”, (Dona Dalva). “Ainda não, tipo de preconceito ainda no coizei”. (D. Marinalva). Para outras o preconceito expresso verbalmente também nunca aconteceu “Não, assim diretamente assim pra pessoa chegar e dizer, Dete sua negrinha, ninguém nunca fez isso comigo não”. Em algumas citações elas até chegaram a perceber que iria acontecer uma ação preconceituosa, mas ao

perceberem saíram da cena pra não presenciar e sentir o peso da violência, dessa forma escamotear a ação, e escapar do sofrimento.

Eu não, eu nunca sofri e ao mesmo tempo sofri, num sabe? porque eu sou uma pessoa muito observadora, eu nunca deixo que as pessoas é... pisem em mim, porque quando eu vejo que vou ser discriminada eu saio fora pra no vê e nem tumbém senti a discriminação. (Dona Orelita).

Apesar de algumas mulheres afirmarem terem sofrido preconceito só no passado como relata dona Maria Rodrigues “Ô minha fia eu, eu em moça em pequena sofri muito, porque no tinha quem mim desse as coisas era obrigado eu trabalhar pra ter”, ou em outro depoimento [...] Sim, porque assim, quando a gente vai pra Bonfim... ia pra Bonfim antigamente, o pessoal ficava assim olhando pra gente né, não chamava a gente por nome, chamava era de nego, e isso eu considero um racismo. (Ilca). O preconceito com o negro não ficou no passado, é ainda bem presente e mesmo com as campanhas e lutas dos movimentos negros, o negro ainda é discriminado, sofrendo diversos tipos de preconceito, principalmente a mulher negra, que ainda é vista por parte de muitos como as escravas modernas, empregadas domésticas, as mulatas exploradas sexualmente ou como símbolo de sexualidade, as que têm que encarar os piores empregos e salário inferiores mesmo quando capacitadas para exercerem determinadas funções, são vistas como menos capazes.

3.6. O trabalho da mulher: as dificuldades como vendedoras de acarajé e milho assado.

O sistema que garantia o ganho das mulheres negras conhecidas como as ganhadeiras se caracterizou no Brasil desde a época da escravatura, em que as negras escravas e as negras libertas lutavam diariamente pela sua sobrevivência e a de seus filhos, saindo pelas ruas das cidades vendendo diversas mercadorias principalmente alimentos da culinária africana (SOARES s/d). Apesar das grandes dificuldades enfrentadas pelas ganhadeiras, muitas delas conseguiram se desenvolver e lucrar com as vendas de suas mercadorias, pois tinham um jeito pra negociar, adquirindo uma melhor condição de vida. Elas vendiam seus produtos de

forma fixa em um ponto da cidade ou andando, saíam com seu tabuleiro, espécie de vasilha de madeira, colocado e equilibrado na cabeça.

A comercialização de iguarias da culinária africana como o acarajé, por exemplo, não ficou só na antiguidade, mas nos dias atuais sendo comum sua comercialização em diversas partes da cidade de Senhor do Bonfim e região por parte dos moradores de Tijuaçu onde muitas famílias sobrevivem dessa atividade econômica. A venda de acarajé como também de milho assado é cena comum nas ruas de Bonfim, já pertencendo à culinária da cidade, sendo muito procurado no dia-dia e pelos turistas quando visitam nossa cidade nos festejos Juninos.

Mas preparar e comercializar esses produtos tem as suas dificuldades, isto se destaca no relato de uma colaboradora. “[...] o lugar é fraco, o ponto é fraco, e você compra o material todo caro né, tem seu trabalho, aí você bota... e no tira o dinheiro que você gastou, aí só batalha pra não ficar mesmo parado né”. (Dona Dalva).

O gasto com os produtos para a produção do acarajé segundo a senhora Dalva é muito alto e a comercialização, devido ao ponto que fica na própria comunidade de Tijuaçu ser muito fraco, faz com que seus lucros sejam mínimos, isso quando consegue vender o suficiente para tirar a quantidade do valor dos produtos comprados, sendo ela de certa forma obrigada a colocar seu tabuleiro de quinze em quinze dias aos domingos, ficando os outros domingos, para comercialização dos produtos por outra vendedora de acarajé, uma vez que o acarajé é tradição daquele distrito sendo vendido também em diversos pontos da localidade.

As dificuldades em ser vendedora de acarajé não ficam só nos preços, mas também em ter ponto certo de venda, como relatou Dona Orelita.

Tenho, tenho muita dificuldade, inclusive agora tá recente que eu tive muita dificuldade em Jaguarari, Jaguarari, teve 8 dias que eu fui em Jaguarari que só foi choro, angustia, tristeza quando eu chegava lá, de um fiscal, que o

fiscal mim botava pra correr, naquela ignorância dizia logo que não podia trabalhar ai, que ai, não mim pertencia, que é, eu tive muita dificuldade quando cheguei em Jaguarari, mas logo, logo eu fui uma pessoa que sube conversar, eu entrei em contato direitinho com o pessoal, fui onde tava a entidade maior que foi o prefeito, vereador, é secretario entrou em contato, conversei como era minha situação, ao foi indo, foi indo e eles mim deixaram lá.

As dificuldades em comercializar o acarajé quando não há um ponto fixo, já determinado para a venda do produto, dificulta a vendagem para as vendedoras, que tem que sair cedo, levando seus tabuleiros e panelas, sem saber exatamente em que ponto vai trabalhar naquele dia, mas essas são algumas das dificuldades, como citou a senhora Orelita que sofreu perseguição, humilhação por parte de um fiscal.

Essas perseguições antigamente eram muito comuns, as vendedoras tinham que ser removidas diariamente de seus lugares e tinham que pagar taxas para garantirem a comercialização em determinado local. Hoje em dia é inadmissível esse tipo de atitude e perseguições por parte de qualquer pessoa, ou mesmo aquelas que exercem a função de fiscal público.

Ser vendedora ou ganhadeira como eram conhecidas antigamente as negras que comercializavam, não é fácil, pois tem que trabalhar muito e o lucro é muito pouco. Elas enfrentam sol e chuva, para garantir alguma renda para as despesas domésticas como fala a senhora Nubiana que é vendedora de milho assado na cidade de Senhor do Bonfim.

A dificuldade é ruim que a gente acorda cedo pra ir rançar 3 horas da manha, pra ir rançar o milho, ai é uma luta danada pra gente sair, tem que pegar ônibus, aqui e não dá no tempo tem tempo que dá, tem ano que da bom o milho aqui, ai não precisa a gente sair, ai a gente tem que sair pra fora, pra rançar o milho, ai fica difícil né.

A dificuldade mencionada é bem maior devido à questão climática, que obriga as vendedoras em época de seca a deixarem suas casas de madrugada para saírem pelas roças e projetos de irrigação em localidades e cidades próximas para comprar o milho, já que este deve ser consumido no mesmo dia em que foi colhido.

Isto representa um esforço grande por parte das vendedoras, que fazem dessa atividade um meio de subsistência de suas famílias

Mas nem todas as vendedoras vêm hoje grande dificuldade em comercializar o milho, pois acreditam que no passado a situação era bem pior, como lembra à senhora Marinalva.

Agora não, agora a gente é tude de vestidinho, eles recebe a gente, a gente vende, no tem mais aquele tipo de preconceito, mais coma era, que tem ainda, mas no tá mais como era mais não, agora já tão tudo, quando eles verem a gente vendendo milho, eles disse, oi as morena de Tijuacu, tão tudo trabalhando vendendo milho, ali bate papo cá gente, tudo nua boa”.

As vendedoras de milho como as vendedoras em geral de Tijuacu, não sofrem mais tantas dificuldades em comercializar no centro da cidade, isto se deve à sua valorização perante a sociedade, que está se acostumando à nova identidade de Tijuacu e reconhece o seu trabalho e esforço. A organização da comunidade de Tijuacu também teve grande participação em prol das vendedoras que hoje se encontram mais organizadas, buscando cada dia mais seus espaços para realizar melhor seu trabalho.

3.7 A mulher no Samba de Lata: as dificuldades em ser dançarina.

As manifestações culturais afro-brasileiras representadas por diversos elementos como a culinária, as vestimentas, os costumes, a religião, as músicas e as danças, estando presentes na vida do povo brasileiro. É uma herança que resiste há muito tempo ao poder da assimilação e do esquecimento da cultura. Uma destas manifestações, o samba, é destaque na comunidade de Tijuacu, o Samba de Lata é uma modalidade de dança, canto e batidas próprios daquele distrito.

[...] O começo desta dança está ligado aos mais difíceis tempos da seca, que se deram, sobretudo nos anos 1900 e 1932/33, sendo os seus mas conhecidos e primeiros dançadores Martim Rodrigues da Silva(conhecido como “Caboclo”) e sua esposa, Genoveva de Jesus, esta uma grande líder do povo de Tijuacu. (MACHADO et al.2004, p.50-52).

E o samba se transformou em uma atividade prazerosa que ajudava a amenizar o sofrimento das pessoas que iam à busca de água. Tempos depois se tornou conhecido como um elemento cultural forte, que representa o distrito e os seus moradores.

[...] Para esquecer a difícil situação sua e dos seus, indo com as latas vazias buscar água, alguém começou a imitar com a batida na palma da mão e da lata a voz de um pássaro, que se ouvia naquele momento a cantar[...] pouco a pouco se tornou um costume de num caminho para buscar água bater na lata, outros dançarem na ponta dos pés inventando a letra ou cantando e repetindo as palavras já bem conhecidas por todos[...] com o tempo, o costume de dançar o samba de lata estava para entrar no esquecimento, quando foi resgatado por alguns moradores e com o apoio da Prefeitura de Senhor do Bonfim[...], tornou-se uma dança oficial nas apresentações das festas juninas e desde aquele momento ficou conhecida em toda a região, fazendo parte de feiras culturais, festivais, exposições e outros parecidos eventos no município e fora deste. (op.cit. p.50- 52)

É uma dança realizada com a participação feminina, que mesmo diante das dificuldades pelas quais passou o povo de Tijuáçu não deixou a rica manifestação do Samba de Lata morrer. Sabe-se que o samba nem sempre foi valorizado pelos bonfinenses, durante muito tempo tomavam esta manifestação como alguma coisa piegas, algo como uma maluquice das velhas bêbadas de Tijuáçu.

Questionadas sobre enfrentar alguma dificuldade por serem dançarinas do Samba de Lata, nossas colaboradoras responderam negativamente. Que hoje em dia não encontram.

Não, não tenho dificuldade nenhuma, pra mim acho ótimo, pra mim é uma... uma... uma coisa boa, foi a pessoa ser, eu ser dançarina, participo do Samba de Lata sou coordenadora do Samba de Lata mirim, então pra mim é ótimo e eu incentivo todas as muleres que participam do Samba de Lata (Dona Orelita)

Atualmente o Samba de Lata não passa por dificuldades, pelo contrário mudou o pensamento de muitos moradores, levantou a auto-estima do povo da comunidade, que por sua vez se sente mais valorizado, pois o Samba de Lata tem

elevado o nome de Tijuáçu e do Município de Senhor do Bonfim, sendo convidado a participar de eventos em algumas cidades do país: Salvador, Rio de Janeiro, Brasília, motivo de grande alegria e orgulho de todos que residem em Tijuáçu e circunvizinhança.

Mas esta realidade nem sempre foi assim como acontece agora, viveu um passado de dificuldades, como declara Valdelice.

Antigamente nós tinha [dificuldades] porque ê... é... o Samba de lata antigamente.... nós só dançava época de quando tinha um casamento, nas véspera de casamento a gente batia o Samba de lata, nessa época de janeiro também a gente ia pra os Reis cantar reis, depois a gente batia o Samba de Lata, ai pra época do São João, só na época de São João que a gente ia pra Bonfim.

As apresentações do samba de lata na cidade ficavam restritas apenas à época junina, em que a prefeitura reservava um horário em uma das tardes do festejo, para que as mesmas ocorressem, horário este considerado intermediário entre as atrações e não atingia a um público maior como acontece nos chamados horários nobres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo foi realizado a partir do questionamento: como é construída a cultura histórica e a resistência de mulheres negras residentes em Tijuáçu. Nesta pesquisa observamos o quanto as mulheres de Tijuáçu lutaram e lutam ainda hoje para conseguir viver de forma digna.

Ao analisar e interpretar diferentes fontes e relatos percebemos a presença forte de Mariinha Rodrigues, na vida da comunidade aqui tratada. Nos relatos observamos a reverência com que a fundadora de Tijuáçu é tratada e conhecida; vemos nas histórias de Mariinha o seu sentido colonizador, pois, quando coloca um filho em cada localidade, sabe que cada um deles irá transmitir os saberes adquiridos e como isso, a garantia de que os valores, crenças e herança biológica de Mariinha estarão preservadas.

As depoentes em seus relatos revelaram o quanto as mulheres de Tijuáçu são guerreiras, quanto lutaram pela sobrevivência desde a infância trabalhando nas roças dos seus familiares e dos fazendeiros do entorno. Mostrando uma realidade comum nas comunidades rurais nordestinas, onde o trabalho é duro e suas dificuldades são diversas e não há reconhecimento e nem valorização dos indivíduos por parte da sociedade.

Por fim, constatamos elementos essenciais da ascensão das mulheres negras de Tijuáçu, que durante muito tempo ficaram no esquecimento, sofrendo diversos tipos de preconceitos, mas que a força da luta do povo de Tijuáçu, aliada inicialmente aos estudos de pesquisa da iniciação científica do Campus VII da Universidade do Estado da Bahia, fez com que a comunidade fosse ganhando visibilidade, chegando a sua voz até os poderes públicos, resultando o que hoje vemos: uma realidade bem diferente do passado, as mulheres ganharam destaque na cultura através da arte popular: o Samba de Lata, que vem elevando o nome de Tijuáçu até outros lugares do Brasil, apresentando-se e contando a história do seu povo e de sua origem.

Concluimos que não é pretensão nossa esgotar as discussões, pois o que neste trabalho levantamos, não contempla toda a história da construção desta cultura, e muito menos da história destas mulheres que a cada dia fortalecem a resistência quilombola de Tijuçu.

REFERÊNCIAS

ARIÉS, Philippe. A história social da criança e da família. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ANDRÉ, Maria da Consolação. O Ser Negro - A construção de subjetividades em afro-brasileiro. Brasília: LGE, 2008.

ARÓSTERUI, Julio. A pesquisa histórica: teoria e métodos. Trad. Andréa Dore. Bauru – SP: EDUSC, 2006.

CRUZ, Edinéia de S; MOTA, Felícia Romeiro. Palavras de sabor africano. In: SOPRAN, Fátima Leonor; AMORIM, Walquira Therezinha. (orgs.) Descobrindo Nossas Raízes, Cultura brasileira, Universidade do Estado da Bahia, Barreiras, Ba. 2004.

GOMES, Nilma Lino. Escola e diversidade étnico - cultural: um diálogo possível. In: DAYRELL, Juarez (org.). Múltiplos olhares sobre educação e cultura. – Belo Horizonte: UFMB, 1996.

LIMA, Cleia Baima de; VITAL, Nivania Nunes. In: SOPRAN, Fátima Leonor; AMORIM, Walquira Therezinha. (orgs.) Descobrindo Nossas Raízes, Cultura brasileira, Universidade do Estado da Bahia, Barreiras, Ba. 2004.

LUDKE, Mega; ANDRÉ, Marli, E.D.A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO. Paulo Machado, (org); SALGADO, José de Santana; KROPIDLOWSKI, Miroslaw; SANTOS , Valmir dos. Tijuaçu: Um Resistência Negra do Semi-Árido Baiano. Senhor do Bonfim. 2004.

MIRANDA, Carmélia Aparecida Silva Miranda. Vestígios Recuperados: Experiências da comunidade negra rural de Tijuaçu – BA. São Paulo: Annablume, 2009.

MOTT, Maria Lúcia de Barros. Submissão e Resistência: a mulher na luta contra a escravidão. São Paulo: Contexto, 1991.

MOURA, Clóvis. 'História do negro brasileiro'. São Paulo: Ática, 1989.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. O negro no Brasil de hoje. São Paulo: Global, 2006.

NASCIMENTO, Clerbet Luiz do; OLIVEIRA, Ricardo S. Negação ou assimilação de raça. In: SOPRAN, Fátima Leonor; AMORIM, Walquira Therezinha. (orgs.) Descobrindo Nossas Raízes, Cultura brasileira, Universidade do Estado da Bahia, Barreiras, Ba. 2004.

NOVA, Sebastião Vila. Introdução à Sociologia. São Paulo: Atlas, 1985.127p.

OLIVEIRA, Eliana de. Mulheres Negras – Professora Universitária: Trajetória, Conflitos e Identidade. Brasília: Líber Livro Editora, 2006.

OLIVEIRA, Rosângela Passos. Negros: quem são no Brasil? In: SOPRAN, Fátima Leonor; AMORIM, Walquira Therezinha. (orgs.) Descobrindo Nossas Raízes, Cultura brasileira, Universidade do Estado da Bahia, Barreiras, Ba. 2004.

PIRES, Dalzige; MACIEL, Joseli e MAGALHÃES Kelly. Mulher negra: preconceito e exploração. In: SOPRAN, Fátima Leonor; AMORIM, Walquira Therezinha. (orgs.) Descobrindo Nossas Raízes, Cultura brasileira, Universidade do Estado da Bahia, Barreiras, Ba. 2004.

PRADO, Danda. O que é família. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1991.

FONTES ELETRÔNICAS

SOARES, Cecília Moreira. AS GANHADEIRAS: mulher e resistência negra em Salvador no século XIX. Disponível em: http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia_n17_p57.pdf; Acesso em 10 de fevereiro de 2011

TEODORO, Helena; Mulher Negra Luta e Fé – Séculos XVI a XIX. Disponível em: http://www.casadeculturadamulhernegra.org.br/mn_mn_t_histo01.htm; Acesso em 24 de outubro de 2010.

FONTES ORAIS

Damasceno de Santana, entrevista cedida no dia 09 de janeiro de 2011.

Nubiana Rodrigues Ventura, entrevista cedida no dia 09 de janeiro de 2011.

Valdelice da Silva, entrevista cedida no dia 09 de janeiro de 2011.

Maria Rodrigues da Silva, entrevista cedida no dia 09 de janeiro de 2011.

Marinalva dos Santos Silva, entrevista cedida no dia 25 de janeiro de 2011.

Ilca dos Santos, entrevista cedida no dia 29 de janeiro de 2011.

Dalva Barbosa dos Santos, entrevista cedida no dia 04 de fevereiro de 2011.

